**Atualidade da cooperação missionária na Igreja de hoje**

**(Setembro de 2020, P. Itacir Brassiani MSF)**

**Palavras do Pe. Berthier**

“Para poder cumprir fielmente as obrigações religiosas é preciso ter um ideal: ideal de pobreza, de castidade e de obediência. Este ideal estimulará em nós a generosidade necessária para viver concretamente o que prometemos a Deus. Sem este ideal seremos fracos. Este ideal é Jesus, Maria e José, nossos augustos protetores. Tenhamos, pois, os olhos constantemente fixos neles para podermos desenvolver em nós suas virtudes” (nº 338).

“Eu não quero iniciar algo para fazer concorrência, mas *preencher uma lacuna*” (nº 175). “É *para as missões estrangeiras* que foi fundada a obra da Sagrada Família” (nº 179). “Este Instituto também tem como finalidade especial *formar e multiplicar missionários*, através do cultivo de vocações apostólicas, sobretudo tardias” (nº 186). “Faltam missionários, mas prepará-los é mais eficaz que trabalhar pelas missões, pois, enquanto um missionário em terras estrangeiras faz um certo bem, *aquele que forma missionários faz um bem multiplicado* tantas vezes quanto é o número de bons operários que ele dá à vinha do Senhor” (nº 187).

**O projeto missionário do Pe. Berthier**

É muito importante compreender bem a intenção do Fundador ao conceber a Congregação. Aos seus primeiros discípulos, o Padre Berthier disse: “Devemos ter em vista a finalidade da nossa obra em tudo o que empreendemos e fazemos. *Jamais nos desviemos desta finalidade* sob qualquer pretexto, ou por conselho de quem quer que seja. Assumir trabalhos para os quais o Instituto não foi fundado é caminhar para sua ruína.” (Ferrand, *Adnotaciones,* 427).

Esta finalidade está formulada na Constituição de 1895. Depois de transcrever vários parágrafos da encíclica *Sancta Dei Civitas*, de Leão XIII, o Fundador escreve: “A experiência comprova que, nos países profundamente cristãos e onde as famílias são numerosas, encontramos jovens inteligentes e virtuosos, de 14 a 30 anos, que *aspiram à vida apostólica*, desde que uma obra especial suporte os custos da sua formação. Assim, fundar tal obra e torná-la acessível aos jovens das diversas nações católicas significa *suprir uma lacuna* e assumir o ponto de vista de Sua Santidade o Papa Leão XIII” (n° 10-11).

Apesar das variações e imprecisões na descrição do Carisma, é possível afirmar que, para o Pe. Berthier *a finalidade da Congregação é o trabalho nas missões estrangeiras*; que essa finalidade requer a dedicação à formação de missionários; que um meio prioritário é acolher as vocações apostólicas usualmente marginalizadas (adultas ou pobres); e que a estratégia para suscitar e formar estas vocações são as escolas apostólicas. Não por acaso, a nova Congregação foi inscrita na *Propaganda Fide*, organismo responsável pelas missões da Igreja.

O Fundador não teve a graça de enviar coirmãos às missões estrangeiras, e nem mesmo de presenciar a abertura de escolas apostólicas fora da Holanda. Mas apenas um ano após sua morte, começa a abertura de escolas apostólicas fora da Holanda, e, em 1910, são enviados os primeiros missionários ao exterior. Em apenas 15 anos, esta perspectiva missionária estará consolidada: além do significativo número de missionários enviados ao norte e nordeste do Brasil, a missão foi estendida ao sul do Brasil (1922-1923), foi aceito o Vicariato Apostólico de Bornéo (1925), e foram enviados missionários aos Estados Unidos da América (1924-1925).

E isso continuou nos anos seguintes: em 1931 foram enviados missionários à Noruega; em 1932, a Java; em 1938, à Argentina; em 1939, ao Chile... Assim, por ocasião da celebração dos 25 anos de missão, numa carta-relatório enviada à *Propaganda Fide*, o Governo Geral apresentava os seguintes dados relativos à missão: 17 missionários trabalhavam em Bonréu, e 4 atuavam em Java; 11 coirmãos desenvolviam a missão nos Estados Unidos; 5 missionários trabalhavam na Noruega; 20 missionários atuavam no norte e 21 no sul do Brasil. Em 1936, eram 77 os coirmãos em viviam em terras missionárias!

**Uma nova compreensão de missão**

O Concílio Vaticano II promoveu uma nova visão do mundo e da Igreja e modificou radicalmente o conceito de missão. A Igreja se reconhece inserida no mundo e profundamente solidária com tudo o que é humano, e deseja compartilhar as alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos homens e mulheres, e vê a si mesma como povo messiânico de Deus, inserido e peregrino no mundo, convocada a anunciar e promover o reino de de Deus e a ser sacramento de unidade do inteiro gênero humano (cf. LG 1, 5, 9). A missão da Igreja adquire dimensões sociais, solidárias e transformadoras!

Para o Concílio, a Igreja é missionária por natureza, as missões não são apenas uma entre as diversas atividades da Igreja, e a tarefa missionária não chegou ao seu ocaso. Mas a missão não visa mais converter os pagãos, pois as religiões são tentativas humanas de responder às questões fundamentais da vida e de propor caminhos para sua realização plena. Por isso, sem deixar de anunciar Jesus Cristo, a Igreja não rejeita o que há de verdadeiro nas religiões; considera suas práticas e doutrinas como raios da verdade que ilumina todos os seres humanos; e exorta ao diálogo e à colaboração com as pessoas que seguem outras religiões (cf. NA 2).

É significativo também que, no decreto missionário *Ad Gentes*, a abordagem do papel missionário das Igrejas preceda a questão dos institutos e obras missionárias. Isso significa que é através do empenho de cada Igreja particular que a identidade missionária da Igreja se realiza, e que as Igrejas jovens também podem e devem ser missionárias. “A plena comunhão com a Igreja universal requer que as Igrejas particulares participem ativamente da missão da Igreja junto aos povos” (AG 20).

Além disso, segundo o Concílio, a missão é responsabilidade de todo o povo de Deus, e nela os leigos e leigas adquirem um valor cada vez maior (cf. AG 21). “O apostolado dos leigos é participação na missão salvadora da Igreja. Todos estão qualificados pelo Senhor ao exercício desse apostolado, através do batismo e da confirmação. Os leigos são especialmente chamados a tornar a Igreja presente e ativa nos lugares e nas circunstâncias onde somente por eles pode atuar o sal da terra” (LG 33).

Como consequência dessas mudanças, a identidade e o papel dos institutos missionários foram significativamente modificados, e hoje devem ser compreendidos em três direções: a) Ser laboratórios de universalidade, mediante a constituição de comunidades plurinacionais e interculturais e estratégias de ação solidária em âmbito global; b) Ser laboratórios de espiritualidade missionária, caracterizada pela saída de si mesmo em direção ao outro, pela hospitalidade e pela humildade; c) Ser plataformas de envio missionário, oferecendo possibilidades de formação às pessoas que hoje se descobrem chamadas à missão nas situações de fronteira, nas situações de divisão e sofrimento humano.

**A atualidade da ação missionária da Igreja**

Essa perspectiva inovadora do Concílio provocou uma séria crise na reflexão e na prática missionária da Igreja e dos Institutos missionários. Vozes não tão isoladas anunciaram o fim da atividade missionária. Mas, em 1996, o Papa João Paulo II recolocou a questão missionária de forma clara e contundente: “A missão de Cristo Redentor, confiada à Igreja, está ainda bem longe do seu pleno cumprimento... O nosso tempo, com uma humanidade em movimento e insatisfeita, exige um renovado impulso na atividade missionária da Igreja... A missão *ad gentes* tem à sua frente uma tarefa imensa, que está muito longe de se ver concluída. (RMi 1; 30; 35).

Mais recentemente, o Papa Francisco retomou a questão missionária na perspectiva de uma evangelização renovada e encarnada. Ele vem provocando a Igreja como um todo. “Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: *sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG, 20). “Fiel ao modelo do Mestre, *é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo*” (EG, 23).

Para o Papa Francisco, a missão não é apenas *uma parte* da vida, *um ornamento* que podemos pôr de lado, *um apêndice* ou *um momento entre tantos* outros da nossa vida. A missão é algo que, se a deixamos de lado, destruímo-nos. Os cristãos são “marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (EG, 273). Por isso, o Papa ele sonha com “uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um meio que sirva mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27).

Como Instituto religioso missionário, a Congregação fundada pelo Pe. Berthier é convocada a cooperar, de uma forma que lhe é própria, com a realização da natureza missionária da Igreja. Na perspectiva da *Evangelii Gaudium*, a missão se articula hoje em torno de três compromissos: a) a animação e renovação da vida pastoral, na perspectiva da conversão eclesial e missionária; b) o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, priorizando o testemunho profético dos cristãos na sociedade; c) a cooperação missionária, voltada à promoção da participação das Igrejas locais na missão universal *ad gentes*.

Com base na Constituição de 1985, podemos descrever a atualidade e as exigências do nosso carisma missionário em *cinco caminhos*: a) participação ativa na missão *ad gentes* da Igreja universal; b) contribuição com o fortalecimento e a dinamização das Igrejas locais que se encontram mais fragilizadas; c) animação do espírito missionário nas Igrejas locais; d) despertar, acolher e formar vocações missionárias (presbiterais, religiosas ou leigas); e) animação e organização do cuidado pastoral das famílias. Estas opções respondem a necessidades e urgências da Igreja e nos ajudam a ser fiéis à finalidade da Congregação que brotou da paixão missionária do Pe. Berthier.

**Iluminação bíblica**: **João 3, 1-21**

Assim como é preciso nascer de novo ou do alto (do mistério da cruz) para reconhecer o dinamismo do Reino de Deus, o verdadeiro missionário nasce e se alimenta do mistério da compaixão de Jesus. As missões e os missionários verdadeiros são aqueles que se deixam guiar pelo Espírito de Jesus, reconhecem seu próprio não-saber e abrem-se às lições do Espírito. São movidos pelo amor de Deus, que, porque ama o mundo e a humanidade, os envia não para condenar, mas para libertar. O missionário jamais será mestre, mas sempre iniciante e discípulo.

1. Como o texto de João 3,1-21 pode iluminar e guiar nossa ação missionária?
2. O que significa nascer de novo ou nascer do alto no contexto da missão?
3. O que significa ser enviado ao mundo para salvar, e não para condenar?

**Oração do Pe. Berthier pelos missionários**